



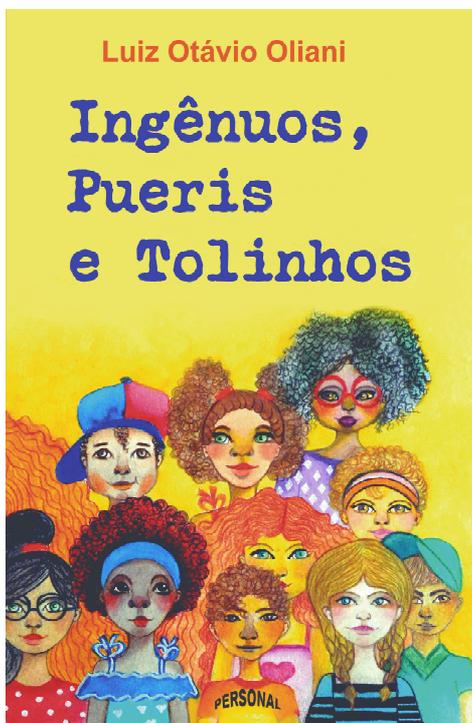
Ingênuos, Pueris e Tolinhos

Krishnamurti Góes dos Anjos

A definição muito conhecida e legada por Mário de Andrade, de que “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou de conto”. Se por um lado, liberta o gênero dos estreitos limites de redução formal a que estamos sempre inclinados a pensar, por outro, pode dar margem a práticas literárias que incluem o vale-tudo. Controvérsias e mais controvérsias têm havido nessa seara. Ficamos com a definição do crítico literário Hélio Pólvora, para quem o conto é narração breve, “em geral montada a partir de um tema real que o contista desenvolve em ritmo unicelular, no circuito de uma composição fechada, e imprimindo-lhe significados humanos que, modernamente, extrapolam da noção estreita da fábula moralista ou aforística”.

Nos últimos tempos, o conto tem passado a vários estatutos. Aqui e ali, surgem novas formas de descrever e narrar, a que se tem dado o nome de miniconto ou microconto. Seja como for, tais narrativas podem ser compreendidas como sinal de nossos tempos: o diálogo com novas formas de representação – imediatas, objetivas, fragmentárias – que favorecem a economia de tempo dos leitores, habituados à leitura diagonal, em lugar da orientação linear. Parece-nos que a literatura acompanha a marcha da ‘cultura’ multimidiática (internet e meios eletrônicos de comunicação), daí a resistência de uma parcela da crítica em avaliar ou validar esse novo gênero, porque leva em conta algumas de suas especificidades, associado a ressalvas quanto às relações fluidas, superficiais e apressadas de nossos dias.

Há também quem se esqueça de que a lida com a Arte, e com a Literatura em particular, pressupõe também a necessidade de forjar novos aparatos conceituais e teóricos, com vistas a nos situarmos perante o gênero com uma nova voz, a partir de novos postos de observação. Isto não significa por sua vez, que o feroz e canibalesco processo de concisão na construção de muitas dessas narrativas – a maioria acaba se assemelhando -, espreme no limite o necessário suco da construção de atmosferas ficcionais, ao não incorporar a fundamental composição literária. Muitas vezes, o estilo telegráfico que engole palavras e suprime a força verbo-motora da língua, resvala para os adágios, ditados, ditos, máximas, provérbios e etc. Porque, e é preciso que se diga, terminamos também muito centrados



nesta técnica de abordagem franca, direta, sem rebuços. De corte em corte, no afã de querer dizer muito com o mínimo de expressão verbal, corremos o risco de cortar a língua.

O escritor, e professor Luiz Otávio Oliani, brinda-nos em seu décimo quinto livro, “Ingênuos, pueris e tolinhos” com brevíssimos textos os quais, poderíamos incluir naquela classificação de minicontos ou microcontos, (como queiram), que vem ganhando cada vez mais adeptos.

Ao filtrar situações transpostas para o livro, de sua atividade de professor de Língua Portuguesa em diversos estabelecimentos de ensino, e com a sensibilidade apurada de autor experiente, Oliani compõe narrativas nas quais os personagens, em sua maioria, traduzem o olhar ou comportamento infantil, sempre ávido por descobertas, ainda autênticos, porque não maculados pela falsidade ou dissimulação dos adultos. Encontramos nas 50 narrativas da obra, professores, pais, tios e filhos envolvidos em lances que desabrocham no leitor, aqui alegrias, noutras tristezas, mais adiante o sentido profundo da compaixão humana, e ainda o espanto que atinge esses seres recém-chegados a um mundo tão brutalizado como o nosso:

“Olhar cruel” p. 15.

“- Tio, sabe o que eu descobri no zoológico, ontem?

- O quê?

- Lá, os animais vivem presos. Mas a gente também vive assim, né? Cadeado, portão de ferro, segurança no condomínio... todo mundo enjaulado.”

No prefácio da obra escrito por Laura Esteves encontramos a perfeita definição da criação literária levada a cabo pelo autor: “Concisão, subtexto, sugerir sem dizer tudo e criar uma trama certa, deixar o leitor preencher os espaços em branco, o não dito.” Forçoso concordar também com José Eduardo Degrazia em texto de posfácio. Luiz Otávio “corta com o bisturi da ficção o ódio no coração das pessoas”. De fato, textos cirúrgicos a revelar facetas do sentimento infantil que, dentre outras coisas, sempre nos ensinam três coisas fundamentais: a sinceridade, a simplicidade e a autenticidade.

Texto “Fantasias de criança”, p.55.

Eu vou matar o Dudu na minha redação. Coisa de criança, que a gente é amigo. Ele vai ficar chateado, mas ele vai morrer.

Agora, a Bia disse que eu sou um personagem do texto dela e que vou morrer lá também. Já Duda vai cair envenenada com a maçã da Branca de Neve e eu vou morar na Casa de Chocolate, sozinho, se ninguém me matar.”

Livro: “Ingênuos, pueris e tolinhos”, contos de Luiz Otávio Oliani, Editora Personal, Rio de Janeiro/RJ, 2021, 68p. ISBN 978-65-89255-02-4 -

Link para compra e pronta entrega: <http://editorapersonal.com.br>

Krishnamurti Góes dos Anjos é escritor, pesquisador e crítico literário. Autor de // Crime de Caminho Novo – Romance Histórico, Gato de Telhado – Contos, Um Novo Século – Contos, Embriagado Intelecto e outros contos, Doze Contos & meio Poema e À flor da pele – Contos. Participou de 28 coletâneas e antologias. Há textos seus publicados em revistas no Brasil, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Panamá, México e Espanha. Seu último romance pela editora portuguesa Chiado – O Touro do rebanho – romance histórico, obteve o primeiro lugar no Concurso Internacional - Prêmio José de Alencar, da União Brasileira de Escritores UBE/RJ em 2014.



Fora da cultura?

Dinovaldo Gilioli

Se pensarmos bem, nada está fora da cultura. A cultura permeia pensamentos e ações, em qualquer tempo e civilização. Ela atribui sentido a existência humana e pode contribuir para a evolução da sociedade, na medida em que estimula o senso crítico e favorece ao exercício da criatividade e da solidariedade.

Ou seja, a cultura é a veia que move, demove e remove a vida. Logo, deduzimos que a cultura, enquanto espaço genuíno da expressão humana, é o cultivo da vida. Às vezes sem perceber e mesmo sem querer, destinamos ou temos pouco tempo para as coisas que são realmente importantes e significativas.

O que parece claro para todos, não é bem assim. Trabalhadores de várias categorias e até os que são dirigentes sindicais, ainda hoje veem com certo estranhamento a sua entidade de classe se envolver com questões culturais. Alguns dizem: "isso não é papel do sindicato, sindicato é só para lutar por salários e melhores condições de trabalho".

Ora, justamente o que se busca é uma vida mais digna. Cientes do papel da cultura, os trabalhadores podem continuar lutando por sua verdadeira liberdade, ou se manter conformados em ideologias que nada tem a ver com a sua realidade. Nem sempre os sindicatos têm consciência da relevância da ação cultural, aceitando a limitação de atuar na esfera econômica; espaço que lhe é reservado pelo atual sistema.

As entidades representativas precisam suplantar essa ideia economicista, que restringe o avanço da consciência de classe; favorecendo a uma maior exploração do trabalho e do trabalhador. As ações de caráter lúdico e poético, ajudam a compreender o papel da cultura e a ampliar a visão de mundo.

Neste sentido, é fundamental que os sindicatos incentivem a produção artística, e não só de seus representados, buscando assim – no que for possível, ampliar a sua fruição na sociedade. Desta forma, estará ajudando no esforço de melhor distribuir os bens simbólicos em nosso país, tão concentrados quanto os bens materiais.

Dinovaldo Gilioli é escritor e poeta. Ex-dirigente do Sinergia - Florianópolis (SC).

MEIA-NOITE

Raquel Naveira

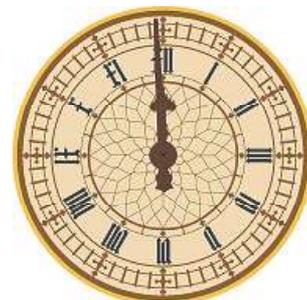
Quase meia-noite. aguardo essa hora mágica, em que o relógio soará as doze badaladas. O pêndulo oscilando entre o hoje e o amanhã, a treva e a luz, a vida e a morte.

Qual Safo de Lesbos (625-580 a. C.), a maravilhosa poetisa do mundo grego antigo, percebo que a lua já se pôs, as constelações também, que a hora passa e que estou deitada sozinha, nesta noite de verão, como ela, há dois milênios, numa ilha do mar Jônio.

Quase meia-noite. Meia-noite é o marco zero. Fim de um dia, começo de outro. Essa é uma convenção de origem romana. Plutarco comentou que sem ela, não haveria como definir a duração de um dia. Os raios de sol na madrugada e no poente seriam marcadores instáveis.

À meia-noite, correrei para a rua. A carruagem passará para me levar. Nela estará o meu noivo. Atravessaremos campos e mares até avistarmos um castelo suntuoso, onde acontecerão nossas bodas. O amor até a consumação dos séculos.

À meia-noite, como num filme, conhecerei um grupo de estranhos, de grandes nomes da literatura e das artes plásticas, que me levarão para uma viagem ao passado. Estou cada vez mais insatisfeita com o presente, com uma sensação constante de aflição e mal-estar. Insuportáveis para mim os temas contemporâneos. Em breve, serei transportada para Paris dos anos 20, época de ouro e charme. Conversarei com Gertrude Stein e Salvador Dalí. Entrarei nas telas de Matisse e Degas, como uma bailarina vestida de rosa e azul.



À meia-noite, terei que fugir, sair da festa, deixar meu sapato de cristal no degrau da escada. Um rastro de mim. Há pouco eu dançava ao longo do abismo de estrelas. Agora perambulo pelas esquinas dessa grande cidade em andrajos. Quem sou na noite alta? Não creio que eu seja, mas perduro como fantasma na memória, engolida pelas brumas.

À meia-noite, sairei pelo Egito recolhendo os cadáveres dos primogênitos. Observarei a troca de guardas nas guaritas do deserto, de onde virão os tártaros. Num abrir e fechar de olhos, cântaros se quebrarão em estilhaços de barro. Eu me deitarei toda perfumada aos pés do meu amado e pedirei que me resgate das mãos do inimigo. Cantarei tão forte que os grilhões da masmorra se partirão. Enfim, ficarei livre.

Espero de olhos abertos a chegada da meia-noite. Meia-noite em ponto. A hora exata.

Raquel Naveira é escritora e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0

- agência 0719-6 - Banco do Brasil

Envio de comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br



17 de setembro, dia da aldravia

32 anos do LV em Campos do Jordão

Andreia Donadon Leal

Mais um ano de vida; o 11º da Aldravia, forma poética criada na Primaz de Minas, cidade da poesia que reverbera versos desde Frei Santa Rita Durão. A poesia, em todos os tempos, é oração dos que amam a vida, a natureza, as pessoas, os animais... A poesia canta a banalidade, que aos olhos nus são imperceptíveis. O poeta caminha na contramão do automatismo. Revivem nas artes as coisas inúteis e insignificantes, porque o sol ressurgiu todas as manhãs, sem pedir vênua, na ponta da serra carcomida pela mineração. Que calor! Tempo de luminescer pensamentos mais cinzentos; colocar planos na ponta do lápis; tirar vestidos e camisolas do guarda-roupa mofado; guardar cobertores e agasalhos no fundo do baú.

epifania
do
belo
meu
ipê
amarelo

Sóis plenos e seca! Quentura que se reflete tremulante do asfalto, embaralhando nossas vistas. As flores do ipê amarelo resplandecem a entrada de Passagem; talvez por resistência e resignação. Tenho me resignado com as mazelas curvas da solidão. Pássaros pousam em estado de encantamento e enrubescimento. Parlamento de aves que se refrescam em árvores robustas em entardeceres. Quisera participar do evento-tertúlia, mas a timidez me assombra, o excesso de atividades burocráticas torna meus dias assoberbados e amargos. A linguagem dos pássaros, sobre o ipê amarelo, prenuncia tardes tórridas; fogo na mata.

de
mata
em-mata
mata
minha
ânsia-verde

Meu coração se compraz com o silêncio acordado. Mudez que

aperta meu peito hipertenso-bradiocárdio. Chamo chuva feito índio. Tomara que a mata se proteja do incauto homem. Brisa baila com as cortinas empoeiradas do quarto. Não durmo há tempos. Palavras e nomes de pessoas correm da memória feito rolo compressor. Alzheimer? Envelheço todas as manhãs. Sinto o tempo correr numa velocidade desenfreada. Não quero viver cem, noventa nem oitenta primaveras... Quero viver feito pássaro em voos intensos. Sinto-me sintonizada com as rugas e celulite e cicatrizes do meu corpo quarenta e oito idos, sem pontos na alma. Não me lembro quem disse que a mágoa pulsa seus sentimentos e lembranças... Mágoas são águas passadas, mortas e purulentas. Não fiz a lição de casa. É o calor, a preguiça (que me imobiliza!); a noite seca, repleta de calores e pernilongos, companhias insones ou de sono profundo. Não exercito minhas investigações; leitura teórica me 'sofre', ficam em segundo plano. Espreito a meia-luz da lua; a barata correr de um canto para o outro. O meu cão olha pra mim, petrificado com a liberdade da barata ao percorrer os cômodos feito membro da família. A siudez marca meu semblante. Forço sorrisos para disfarçar. Quem vê cara, não vê as linhas do coração. Minhas veias são marcadas por sorrisos e poesias. Flore ali uma flor no meio do nada. Não é nem na trinca do asfalto. Insiste flor em brotar, pulsar, ressurgir, nessa poesia solar, minimamente univocabular, verso brando, livre, amarelo, cor de ouro, luz que se faz e refaz de alma cheia. Setembro é ipê-amarelo, de epifânicas vozes univocabulares:

seis
gotas
nutrem
vozes
versos
poesia!

Vivas ao 17 de setembro, dia da Aldravia!

Andreia Donadon Leal é escritora, poeta, Doutoranda em Educação e Mestre em Literatura.



Gabriel Kwak, Gregório Paschoal Sabino, Rosani Abou Adal e Nathália Martins Melo.

Rosani Abou Adal falou sobre os 32 anos do jornal *Linguagem Viva* na sessão da Academia de Letras de Campos do Jordão, no dia 25 de setembro, na Câmara Municipal de Campos do Jordão.

Entregou a doação completa do jornal para o acervo da Hemeroteca Municipal de Campos do Jordão para que a cidade possa eternizar o periódico.

Apresentou pesquisa sobre as colaborações dos acadêmicos - publicadas no jornal - dos saudosos Arakaki Mazakazu, Cecília de Almeida Murayama, Erasmo de Freitas Nuzzi, Genésio Pereira Filho, Henrique L. Alves, Oswaldo Sangiorgi, Paulo Dantas e Walter Dalla Déa; e de Fernando Costella, Gabriel Kwak e Victoria Namestinikov El Murr.

Também foram doados livros, dos acervos da sua biblioteca e de Paulo Dantas, para a Biblioteca Pública Municipal de Campos do Jordão.

Benilson Toniolo, presidente da Academia e secretário municipal da Prefeitura Municipal de Campos do Jordão, recebeu as referidas doações.

Prestou homenagem aos ex-professores da Faculdade Cásper Líbero, os acadêmicos Antonio Costella e Erasmo de Freitas Nuzzi (in memória).

Falaram sobre a editora do jornal *Linguagem Viva*, o presidente Benilson Toniolo e os acadêmicos Antonio Costella e Gabriel Kwak.

Rosani autografou seu livro *Manchetes em Versos* para a Academia Jovem de Letras de Campos do Jordão com o objetivo de incentivar os jovens para a produção poética. Também dedicou seus cartões poéticos, Sniff e Andorinha, para os membros da Academia Jovem de Letras Nathália Martins Melo e Gregório Paschoal Sabino.

Sebo Brandão São Paulo

Fazemos encadernações

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandaosp@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>



Em busca de rastros de Bocage

Luthero Maynard

Adelfo Gonçalves, 70 anos, doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), é um dos maiores especialistas em século XVIII portugueses. Um de seus trabalhos notáveis é *Bocage, o perfil perdido*, que sai agora pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), depois de publicado em 2003 pela Editorial Caminho, de Lisboa, resultado de um trabalho de pesquisa em arquivos portugueses com bolsa de pós-doutoramento da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp).

Ainda sobre o século XVIII, o pesquisador publicou outro trabalho notável, *Gonzaga, um poeta do Iluminismo* (Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999), biografia do poeta inconfidente Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), sua tese de doutoramento, e os ensaios históricos *Tomás Antônio Gonzaga* (Academia Brasileira de Letras, 2012), *Direito e Justiça em Terras d'El-Rei na São Paulo colonial – 1709-1820* (2015), e *O reino, a colônia e o poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo – 1788-1797* (2019), publicados pela Imesp.

Jornalista desde 1972, Adelfo Gonçalves passou por várias redações, incluindo *Cidade de Santos*, *A Tribuna*, de Santos, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Tarde* e as editoras Abril e Globo. Em Portugal, é colaborador do quinzenário impresso *As Artes Entre as Letras*, do Porto, e das revistas *Vértice* e *Colóquio/Letras*, de Lisboa. É também colaborador do *Jornal Opção*, de Goiânia, do *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, e da revista digital *VuJonga*, de Lisboa, dedicada aos povos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), entre outros sites do Brasil e Portugal.

Foi professor da Universidade Santa Cecília (Unisantia) e da Universidade São Judas-Unimonte, nos cursos de Jornalismo, e da Universidade Paulista (Unip), nos cursos de Direito e Pedagogia, em Santos. Ganhou os prêmios José Lins do Rego de Romance (1980) da Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro; Fernando Pessoa (1986)

da Fundação Cultural Brasil-Portugal, do Rio de Janeiro; Assis Chateaubriand (1987) e Aníbal Freire (1994) da Academia Brasileira de Letras, e Ivan Lins de Ensaio (2000) da União Brasileira de Escritores e Academia Carioca de Letras. É sócio correspondente da Academia Brasileira de Filologia.

É ainda autor dos romances *Barcelona brasileira* (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2003) e *Os vira-latas da madrugada* (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981; Taubaté, Letra Selvagem 2015), do livro de ensaios e artigos *Fernando Pessoa: a voz de Deus* (Santos, Unisantia, 1997), e do livro de contos *Mariela morta* (Ourinhos, Complemento, 1977).

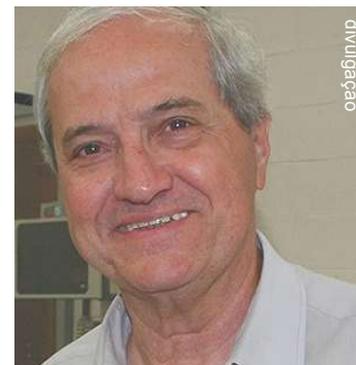
Pergunta – Por que escolheu a vida e a obra do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) para tema de seu pós-doutorado?

Adelfo Gonçalves – Com o conhecimento que havia adquirido do século XVIII português, entendi que só me restava escrever a biografia de Bocage. Deixando de lado os poetas do século XX – Fernando Pessoa, especialmente –, os maiores poetas da literatura portuguesa são, pela ordem, Luís de Camões (c.1524-c.1580), Bocage e Gonzaga. Em popularidade, em sua época, Gonzaga, que teve o seu primeiro livro publicado em 1792, quando já estava no degredo em Moçambique, só perdia para Bocage. Isso pode ser constatado se contarmos, por exemplo, as vezes em que os dois poetas são citados na *Gazeta de Lisboa*, entre 1790 e 1810. Mas é preciso ver que Bocage morava em Lisboa, enquanto Gonzaga estava desterrado na África Oriental. *Marília de Dirceu* servia como termo de comparação sempre que algum crítico queria elogiar algum poeta ainda desconhecido. Foi o que ocorreu, por exemplo, com Manuel Inácio da Silva Alvarenga (1749-1814), quando apareceu o seu livro *Glaura* (1799). *Marília de Dirceu* é a coleção de poemas líricos mais popular da literatura de língua portuguesa, só perdendo, em número de edições, para *Os Lusíadas*, de Camões. Diante disso, só me cabia como pesquisador sair em

busca de rastros de Bocage. Contei com o apoio do professor Fernando Cristóvão, da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, e do professor Massaud Moisés (1928-2018), que foi meu orientador no doutorado. Fiquei em Portugal de 15 de março de 1999 a 15 de março de 2000. Também contei com o apoio de três ex-embaixadores em Portugal: José Aparecido de Oliveira (1929-2007), Dario Moreira de Castro Alves (1927-2010) e Alberto da Costa e Silva, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras.

Uma das principais descobertas de sua pesquisa é que Bocage não nasceu numa casa localizada à rua de São Domingos, atual rua de Edmond de Bartissol, em Setúbal. Como descobriu que aquilo não passava de um equívoco ou de uma farsa?

Adelfo Gonçalves – No começo, não imaginava. Só comecei a desconfiar depois de pesquisar a documentação na Torre do Tombo, quando constatei que a família de Bocage tivera uma propriedade sequestrada pelo Estado. E que essa propriedade não ficava na rua de São Domingos, mas no largo de Santa Maria. Depois, confirmei na documentação da décima de prédios urbanos de Setúbal, na Torre do Tombo, que, na rua de São Domingos, na metade final do século XVIII, não havia morado nenhuma família Bocage. Havia, sim, na casa onde diziam ter nascido Bocage um morador chamado Manuel Gomes Borralho. A semelhança no nome talvez tenha contribuído para a crença de que Bocage tivera nascido naquela casa que, afinal, ficava muito próxima à igreja onde ele havia sido batizado. Isso descobri depois de qua-



Adelfo Gonçalves

se seis meses de pesquisas nos arquivos.

Como foi a farsa montada pelo poeta setubalense Manuel Maria Portela?

Adelfo Gonçalves – Foi nos papéis do historiador João Carlos de Almeida Carvalho, no Arquivo Distrital de Setúbal, que encontrei a farsa já denunciada. Carvalho pretendia escrever uma biografia de Bocage. Fez algumas pesquisas, conversou com descendentes da família do poeta e deixou muitas anotações. Não escreveu a biografia, mas a sua família se lembrou de encaminhar esses documentos para o Arquivo Distrital de Setúbal. Ainda bem. Carvalho era contemporâneo de Portela e sabia que não havia nenhum fundamento na sua afirmação segundo a qual Bocage teria nascido numa casa da rua de São Domingos. Em 1863, descobriu-se alguns arabescos no teto de uma casa daquela rua que a alguém pareceu brasão de uma família. Disseram que na família de Bocage alguém fora representante do Vaticano e aquilo seria brasão de armas do papa, de algum bispo ou coisa que o valha. Mas nada daquilo era provado. Um bisavô paterno de Bocage tinha o sobrenome de Bispo, mas nada mais que isso. Talvez tenha surgido daí a confusão.

Manchetes em Versos

Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico de Xavier
Prefácio de Raquel Naveira



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



E, mesmo assim, aquilo foi adiante e durou até há pouco tempo?

Adelto Gonçalves – Apesar da falta de provas materiais, Portela, que era funcionário da Câmara e redator do jornal *A Voz do Progresso*, achou de levar adiante a ideia. De repente, aquilo se tornou algo muito importante para Setúbal. Portela conseguiu recursos financeiros e mandou colocar uma lápide na morada, sem o apoio da Câmara. Ele e outros setubalenses convenceram o industrial francês Edmond de Bartissol, grande proprietário de terras em Alcácer do Sal e produtor de vinhos, a comprar a propriedade para oferecê-la, em seguida, à Câmara com o objetivo de tornar o local uma casa de cultura. Em troca, a Câmara deu nome dele à rua. Os irmãos Castilhos – Antônio (1800-1875) e José Feliciano de Castilho (1810-1879) – apoiaram a ideia e, quando eles entravam no páreo, era para ganhar. Formavam uma espécie de “máfia” literária, um em Lisboa e outro no Rio de Janeiro. Faziam e desfaziam reputações. No Rio, José Feliciano movimentou a comunidade portuguesa e arrecadou fundos para mandar levantar uma estátua de Bocage e colocá-la em Setúbal. Diante desse movimento todo, Carvalho recuou: mesmo que falasse alto que não havia nenhum documento provando que Bocage nasceria naquela morada, ninguém lhe daria ouvidos. Preferiu anotar tudo e deixar seus papéis para a posteridade. Fui aos jornais da época e reconstitui a festa de inauguração da estátua na Praça do Sapal, hoje Praça Bocage, que, por sinal, será relembrada em 21 de dezembro de 2021, por ocasião dos 150 anos do monumento. A data marca o dia da morte do poeta (21/12/1805).

Outra descoberta importante de seu livro é a prisão do pai do poeta. Como foi isso?

Adelto Gonçalves – Há um dossier na Torre do Tombo que conta toda essa história. O pai de Bocage, José Luís Soares de Barbosa, era ouvidor em Beja quando foi acusado de desviar dinheiro da arrecadação da décima de 1769. Ele era ligado por compadrio a Antônio da Silva e Sousa, juiz-geral do Tombo da Sereníssima Casa do Infante e um dos homens mais beneficiados do rei d. Pedro III, então infante. Era a quem o ouvidor dizia que remetia todos os dinheiros da

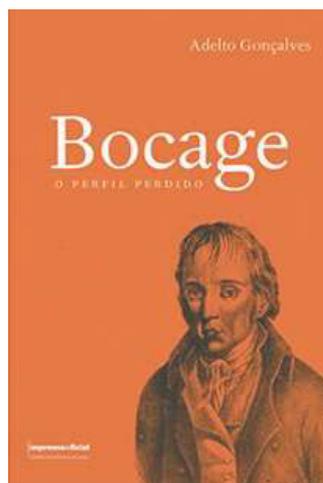
décima. Acontece que esse Silva e Sousa era ligado à corrente política da princesa d. Maria e d. Pedro III, seu marido, que eram contrários ao marquês de Pombal. Por causa de uma daquelas intrigas palacianas, Silva e Sousa foi deportado para o presídio das Pedras Negras, na África, e José Luís foi obrigado a prestar contas. Em 1771, a morada do largo de Santa Maria, com a rua das Canas Verdes (atual rua de Antônio Joaquim Granjo), foi sequestrada pela Coroa, bem como seus bens móveis. E José Luís encaminhado para a cadeia do Limoeiro, onde ficou até 1777, quando veio a *Viradeira* e ele pôde sair da prisão. A culpa lhe foi perdoada pela rainha d. Maria, mas ele não teve seus direitos reintegrados nem voltou à magistratura. A família dele continuou a morar na casa, mas teria agora de pagar aluguel ao Estado, o que nunca foi feito.

E o processo deve ter rolado bastante tempo na Justiça?

Adelto Gonçalves – De fato, o processo do confisco rolou na Justiça quase trinta anos até que, em 1800, a casa foi à arrematação. Os descendentes de José Luís, liderados por Gil Francisco, o primogênito, mas sem a participação de Manuel Maria, tentaram obstar o confisco, alegando que a casa pertencia à avó deles. Várias testemunhas afiançaram que José Luís Soares de Barbosa, ao se casar com Mariana Joaquina du Bocage, fora morar na casa da sogra e não levava para o matrimônio mais que a roupa do corpo. A casa era herança da mãe de Bocage. Na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), constatei que fora comprada em 1693 por Leonardo Lustoff, abastado comerciante que exercera também as funções de cônsul da Holanda, em Setúbal, falecido em 1701. Leonardo era pai de Clara Francisca, que se casaria em 1720 com o francês Gil l’Hedois du Bocage, coronel da Armada Real. O francês estava perto dos 70 anos e ela tinha pouco mais de 20 anos. Tiveram duas filhas: uma delas, Mariana Joaquina, seria a mãe do poeta Bocage.

Qual a importância de Bocage para a literatura brasileira?

Adelto Gonçalves – Bocage é hoje pouco lido no Brasil, mas, em Portugal, ainda é muito reverenciado. Para a literatura brasileira, tem grande importância porque é de uma época em que o Brasil não exis-



tia como nação independente. E, portanto, éramos todos portugueses. Espero que essa biografia ajude a retirar Bocage do limbo em que se encontra no Brasil.

Quais as principais dificuldades encontradas pelo pesquisador de História e Literatura no País?

Adelto Gonçalves – As dificuldades não são muitas – e as que existem são benéficas, pois permitem ao pesquisador encontrar informações inéditas. Se tudo nos arquivos estivesse organizado e disponível, não haveria muito que pesquisar porque já seria conhecido. Além disso, ao tempo de meu doutorado e pós-doutorado, havia bastante apoio por parte do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), da Fapesp, da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, e de outras instituições.

Luthero Maynard, jornalista formado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, passou por várias redações em São Paulo, incluindo O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde e Folha da Tarde e diversas revistas da Editora Abril. Lançou a revista História Viva, da Duetto Editorial, da qual foi editor. Foi assessor de imprensa do governador Franco Montoro e da Secretaria Municipal de Infraestrutura Urbana e Obras. Foi membro do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa e pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. E-mail: luthero.maynard@gmail.com.

Preferências

Isabel Furini

preferem
o abismo
e o céu opaco
esses poetas
loucos
que misturam
o espanto
com seus versos
mancos

poetas
sempre agitados
por virulentas paixões
e machucados
pelo açoite da solidão

Isabel Furini é escritora, palestrante, educadora, editora, membro da Academia de Letras do Brasil (PR) e Consulesa da Academia Poética Brasileira.

O livro E EU SEI FAZER VERSOS? autoria de Lóla Prata, explica cerca de 80 modalidades poéticas.



R\$ 35,00 com suplemento atualizado. Encomendar para lola@prtagarcia.com



Um salmo em prosa

Evaldo Balbino

Estou presente! Presente estou diante do presente da vida, dádiva esta que não se nega e que se doa sem eira nem beira. E devemos louvar o que em vida se louva, já que o salmista afirma que o escuro silêncio da sepultura não pode louvar nada nem ninguém. Se o orante cantador estiver certo, louvemos agora! O agosto deste difícil 2021 já é passado, mas a gosto de Deus, e a meu gosto, desejo dar piruetas e cantarolar. Porque tudo o que existe louva. Estou presente nesta vida, e minha boca exala louvores. Minhas mãos falam por ela e para ela, pois ela mesma precisa de consagração. Viver já é estar consagrado.

Assim posso falar do louva-a-deus, do seu coito maravilhoso gerando vida; do canto da cigarra estridente modulando o verão; da chuva pouca mas forte nesta Belo Horizonte imensa dos olhos meus. A chuva aqui vem furiosa e destrói vidas, mas é necessária para a própria vida. Posso louvar o céu, a terra seca, as plantas insistindo marcosamente em brotar e nos deixando acariciá-las com nossos dedos frágeis, porém amorosos.

Canto os filhos, as mães, os pais (de todos os animais e plantas). Faço baladas para o Deus Pai, para a Virgem Mãe, que depois não foi mais virgem. Todavia sabemos nós que a verdadeira virgindade não reside num mero hímen intocado ou numa inexperiência quanto ao dom do toque corporal. Virgindade é outra coisa, mais abstrata, muito impossível de se pegar, mas da qual, de modo sublime, podemos ir nos aproximando. Com nosso vagido de órfãos, temos saudade de Deus e de tudo o que ele é: paz; amor; respeito; convivência da diversidade; ética; fraternidade; reverência para com a vida em todas as suas manifestações; deferência para com o mundo e para com tudo o que nele é força de Eros, movimento para a existência. Com nosso gemido, cântico excelente, rompemos a membrana que nos separa da possibilidade do existir.

Elogio o nosso desejo de viver um eterno gerúndio, o tempo durando, nunca nada se perdendo. Tudo numa continuidade sem fim. Filhos são para sempre, porque mães e pais presentes também estão acima do tempo: todos são eternos. O gesto de amar, no tempo e fora dele, nunca acaba. Eis o poder da memória e das palavras! Mães, pais e filhos, pessoas e bichos, plantas e seus meneios. Nada disso pode ser passado ou presente ou futuro. Tudo é sempre! E AGORA!

Assim se é presente e se presente: todos estamos voando com asas atemporais. Nunca morrem os que amam e são amados.

Na faina nada enfadonha duma construção, somos movidos pelo afã de viver. E sem fadigas mesmo. No tempo, lavramos memórias e miragens verdadeiras, desenhamos retratos e profecias. Nossos olhos não se prendem nas mãos imóveis cruzadas sobre o peito, não se fecham nos olhos fechados da noite (da densa e escura noite), não se atam ao corpo deitado e frio. A objetiva subjetiva de cada sujeito é um olhar amante capturando a vida plena gerando vida, para além de secas molduras.

E cristalino se torna o tempo. Espelho de nosso desejo, o mais eterno. Destempo. Ele já não passa pesando sobre nós. Perdura, assim como persistem tudo e todos os que amamos.

Como oferta simples e gloriosa, este salmo se tece de palavras e amor. Segue para os olhos leitores e amantes. Pois todos somos namorados, apaixonados. Diamantes na imensidão. Basta, como as plantas, deixarmos que brote em nós a seiva da vida. E que ela corra por nossos corpos como o sangue vermelho e vivo palpita em nossas veias.

Viver é louvar. Mais ainda no exato momento em que pensamos não ver um sentido que nos abraça, um motivo que nos enlace. Eu canto com Cecília Meireles. Canto porque o instante existe. E isso me basta como Deus.

Evaldo Balbino é escritor, poeta e professor da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: evaldo_balbino@yahoo.com.br

O AZUL DA SAUDADE

Raymundo Farias de Oliveira

O som que nasce nas cordas do bandolim me põe em vibrações misteriosas... transporta-me para um mundo cheio de nostalgia e de ternura cortinas coloridas vão se abrindo vagarosamente no palco das lembranças o pandeiro e a timba e o cavaquinho brincam na maior animação no florido quintal das melodias os violões murmuram confidências na doce harmonia de seus baixos e eu me perco extasiado na imensidão azul da saudade...

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta, cronista e procurador do Estado aposentado. Autor de *Sob o Céu de Jerusalém*, *Poemas da Madrugada*, entre outras obras.

Via crucis

Débora Novaes de Castro

Choram os céus, as lágrimas sentidas, ao ver que a Terra, vítima, já frisa praga iminente, dizimando vidas, pandemia, que alastra e tiraniza.

Peste letal, vidas adoecidas nos quadrantes da Terra, por divisa; coronavírus, vidas combalidas, iguala na morte, a sorte imprecisa.

Dor e luto, dispersos pelo mundo, em toda parte, o vírus se anuncia, ameaçando toda a humanidade.

Poder surreal, muito mais profundo, que vem dos céus, à Terra se irradia, pondo um final na atroz fatalidade!

Medalha Mérito Cultural Poético - XIV Concurso Cultural - FECHINTER e COPOLAT - Casa de Cultura Latino-Americano - Porto Alegre (RS) - 17 de setembro de 2021.

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP, 2004. www.deboranovaesdecastro.com.br

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

**Cel.: (11) 97382-6294
soninhaabou@gmail.com**



O inverno

Flora Figueiredo

A quem me julga álgido, indiferente,
ofereço como atenuante a sugestão
do beijo no beijo,
o corpo no corpo
e a mão aquecida em outra mão.
Sou o quadrante menos quente
mas, em contrapartida,
faço o espaço
necessariamente mais estreito
entre o peito do amante e a pretendida.

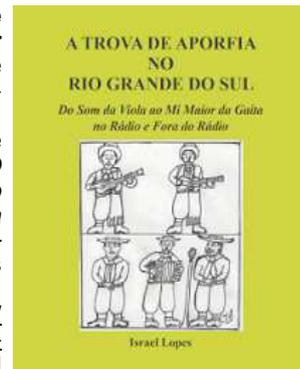
Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento* e *Florescência*.

A TROVA DE APORFIA NO RIO GRANDE DO SUL

A Trova de Aporfia no Rio Grande do Sul - *Do Som da Viola ao Mi Maior da Gaita no Rádio e Fora do Rádio*, de Israel Lopes, 423 páginas, edição do autor, digital. ISBN 978-65-00-30096-3.

Israel Lopes, escritor, advogado e pesquisador, é autor de *Teixeirinha – O Gaúcho Coração do Rio Grande*, *Pedro Raymundo e o Canto Monarca – Uma História da Música Regionalista*, *Nativista e Missioneira*, entre outras importantes obras.

Disponível gratuitamente em <https://atrovadeaporfia.blogspot.com/2021/09/atrova-de-aporfia-no-rio-grande-do-sul.html>



EM AGONIA

Rosani Abou Adal

Concessão pública,
animais do Parque
da Água Branca
em desespero.
Seus filhotes viram memória.
O último suspiro
da fauna e flora,
num sopro transversal,
transforma o tempo em cinzas,
nublado de infelicidade.

Rosani Abou Adal é jornalista, editora, escritora, poeta e vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo.

Os parques da Água Branca, Vila-Lobos e Cândido Portinari entrarão em licitação para a concessão, por um período de 30 anos. O Parque da Água Branca é o único que abriga animais de várias espécies e uma vasta riqueza da fauna e flora. A futura concessão prevê a construção de restaurante e complexo gastronômico nos parques.

Conselheiros, entidades e usuários do Parque da Água Branca, contra a concessão predatória do parque, estão agindo em defesa da preservação de suas nascentes, flora, fauna, das espécies e dos animais; bem como de suas características rurais e socioculturais, com a presença dos animais e de suas espécies.

Abraço no parque, dia 16 de outubro, às 14 horas.

In Memoriam da Concessão

Rosani Abou Adal

O povo unido em defesa
do Parque da Água Branca,
a voz solidária da fauna e flora.
A agonia, num sopro imaginário,
transcende as cinzas.
Água Branca suspira em paz.
A concessão pública vira memória.
A vida renasce e floresce.

"[...] A importância deste livro - CHICOTE ARTIFICIAL - para o momento em que vivemos é grande, porque o autor - JOÃO BARCELLOS - decidiu mergulhar no "sistema" das sociedades cujas cartas magnas permitem o abuso de poder através de leis que garantem às elites a estabilidade em corrupção ideológica e financeira. Este é talvez o mais emblemático romance de JOÃO BARCELLOS, porque nos lega estudos com foco na alma da corrupção instalada social e institucionalmente. Ao revelar esses estudos no formato ficcional o escritor/filósofo permite várias leituras para uma conclusão: só numa estrutura de humanismo crítico é possível dar continuidade ao curso civilizatório [...]. A teia sociopolítica e policial que envolve as questões ideológicas é neste romance um quase traço poético..."

Joana d'Almeida y Piñon, física. Houston/USA, 2021.



Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi





Notícias



Claudio Willer

O 35º Festival de Arte Contemporânea Psu Poético “Ante-Verbo” presta homenagem aos escritores Claudio Willer (São Paulo - SP), Cyntia Pinheiro (Montes Claros - MG), Edson Pereira Lopes (Buritizeiro - MG), Sidneia Simões (Belo Horizonte - MG), Sady Bianchin (Niterói - RJ) e Wélcio de Toledo (Brasília - DF). O festival é realizado de 4 a 12 de outubro, pela Prefeitura de Montes Claros, em parceria com o Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Virtual Montes – Cursos de Informática e a Agência Elefantte.

Marcelo Girard, jornalista e poeta, lança o livro de poesias *NÃO VOU AO MEU ENTERRO* na Feira Literária de Tiradentes, realizada de 14 a 17 de outubro, em Minas Gerais. O livro reúne uma compilação dos últimos quatro livros do autor, alguns poemas inéditos e mais seis que foram publicados pela Revista Literária Brasileira da Academia Brasileira de Letras, nº. 106, Ano IV, 2021.

Gustavo Miotti lançou *Crônicas de uma Pandemia – Reflexões de um Idealista* pela Editora Buqui.

Mary del Priore lançou *A procura deles faz um recorte histórico do período da escravidão até o início do século XX*, pela editora Benvirá, sobre os negros e mestiços que venceram a barreira do preconceito e se destacaram na história do Brasil.

Isabel Furini publicou a entrevista que fez com Rosani Abou Adal, no site Olho Vivo - Cláudio Alcântara, intitulada Rosani Abou Adal - Poesia retratada em flashes fotográficos. “Poeta escreve sobre o que fotografa em sua mente; a também jornalista mescla palavras em forma de versos curtos.” <https://www.olhovivoca.com.br/entrevistas/9609/rosani-abou-adal-poesia-retratada-em-flashes-fotograficos/>

A Revista Carlos Zemek Arte e Cultura publicou a entrevista que a coeditora Isabel Furini fez com Rosani Abou Adal. <https://revistacazemek.blogspot.com/2021/09/entrevista-com-rosani-abou-adal.html>

Noelia Ribeiro, escritora e poeta, apresenta e organiza a Live de poesia autoral *A Fim de Poesia*, toda terça-feira, às 19 horas, com a participação de três poetas convidados, no Instagram @noeliaribeiropoeta. No dia 21 de setembro a live contou com as presenças de Danilo Lumiano (BA), Neto Freitas (RR) e Rosani Abou Adal (SP).

O menino invisível, de José Mauro de Vasconcelos (1920 - 1984), foi lançado pela Editora Melhoramentos, com ilustração de Luciana Grether Carvalho.

Crônicas de Espírito Santo, Global Editora, obra que apresenta a infância e juventude do jornalista e escritor capixaba Rubem Braga (1913-1990), foram verbalizadas pela voz do ator João Roncato, com produção da Tocalivos Studios. <https://bit.ly/cronicasES>

Adélio Amaro, escritor português, foi agraciado com Moção de Honra ao Mérito da Academia de Filosofia e Ciências Humanísticas Lucentina pelos relevantes serviços prestados na área da cultura e pela sua contribuição na aproximação dos povos de língua portuguesa.

A Livraria Leitura inaugurou uma unidade no segundo piso do Shopping Tijuca, no Rio de Janeiro, que abriga livraria, papelaria, presentes, área geek e HQs.

Pandemia Crítica, organizado por Peter Pál Pelbart, com textos de André Lepecki, Vladimir Safatle, Moacir dos Anjos, Durval Muniz de Albuquerque, entre outros, foi lançado pelas Edições SESC SP e Editora N-1.

Beatriz Helena Ramos Amaral, escritora, ensaísta, musicista, Doutoranda em Comunicação e Semiótica PUC e Mestre em Literatura e Crítica Literária PUC, a convite do Mulherio das Letras, falou no Canal da In-Finita no YouTube sobre os seus 40 anos de Literatura, realçando os movimentos criativos, o início, os projetos e livros, a ressonância entre a literatura e a música, entre vários outros aspectos deste itinerário. <https://youtu.be/wCUNtXPKDKo>

Comida Caseira, Editora Alaúde em parceria com *Receitas Nestlé*, e **Vegetariando**, Editora Alaúde em parceria com a Editora SENAC, obras que foram agraciadas com o Gourmand World Cookbook Awards.

Um democrata do Direito, a vida e o exemplo de Mário Sérgio Duarte Garcia, de Martim Vasques da Cunha, foi lançada pela Editora Metalivros. A biografia conta a trajetória marcada pela luta em favor da democracia de um dos principais nomes do movimento das Diretas Já. Mário Sérgio Duarte Garcia exerceu os cargos de secretário de Justiça e de Presidente da OAB de São Paulo.

Pandemia Crítica, lançamento das Edições SESC SP e da Editora N-1, com organização de Peter Pál Pelbart, abriga textos de André Lepecki, Vladimir Safatle, Moacir dos Anjos, Durval Muniz de Albuquerque, entre outros.

Poetas Negras Brasileiras - uma antologia, organizada por Jarid Arraes, lançada com o selo Ferina da Editora de Cultura, reúne mais de 70 vozes contemporâneas como Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Mel Duarte, entre outros importantes nomes da literatura.

A Rosa de Ninguém, de Paul Celan, foi lançada em edição bilíngue, com tradução de Maurício Mendonça Cardozo, pela Editora 34.

Gabriel Sanpêra lançou *A Ossada de um moleque*, contos, pela Oríki Editora, com apresentação de Simone Ricco.

Maria Valéria Rezende é a escritora homenageada da 4ª Festa Literária Internacional da Mantiqueira que será realizada de 5 a 15 de novembro, com transmissão pelo canal da FLIMA no YouTube.

José Xavier Cortez, autor, editor e livreiro, faleceu no dia 24 de setembro, aos 84 anos, em São Paulo, vítima de câncer. Fundador da Editora Cortez e autor de Literatura Infantil e Juvenil e de *Tempos de Isolamento: Reflexões e Qualidade de Vida* em coautoria com Goimar Dantas.

Momento Literário, evento coordenado por Edgar Pereira Louzi e Arsênio Eduardo Correia, será realizado no dia 26 de outubro, às 11h30, no Restaurante Cama & Café, Rua Roberto Simonsen, 79, em São Paulo. O evento contará com as participações de Arsênio Corrêa, Carlos Moura, Edgar Louzi, Fábio Ramos, Glafira M. Corti, Irene Oliveira, Lourdes Borelli, Maria Freitas, Maria Goreti, Meme Westphal, Rosani Abou Adal, Selma Patty Spinelli e Vera Duca.

Pedro Alexandre Sanches, jornalista e crítico musical, lançou *Album 1 - 1950 a 1972: saudade, bossa nova e as revoluções dos anos 1960*, Edições Sesc, no formato ebook. A obra narra a transição da produção fonográfica para o padrão do long play (LP) desde os anos 1950 até 1972.

Laerte Coutinho, escritora, cartunista e chargista, foi a vencedora do 58º Prêmio Intelectual do Ano 2021 - Troféu Juca Pato, promovido pela União Brasileira de Escritores. Colaborou em *O Pasquim*, *O Bicho*, *Estado de São Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Autora de *Manual do Minotauro* que reúne tiras publicadas entre 2004 e 2015. Foi laureada, em 1964, em primeiro lugar, pelo Salão Internacional de Humor de Piracicaba, com a charge “O Rei Estava Vestido”.

A Academia Brasileira de Letras elegeu Benjamin Moser, Julio María Sanguinetti, Telmo dos Santos Verdelho e Guilherme d'Oliveira Martins como novos Sócios Correspondentes, no dia 7 de outubro, em sessão virtual.

Marcelo Mirisola lançou *A fé que perdi nos cães*, contos e crônicas, pela Editora Reformatório. www.reformatorio.com.br

Joaquim Rubens Fontes lançou o romance policial *Ambição que Mata* que está à venda na Amazon.

A Flipinha 2021, destinada à literatura infantil e juvenil, será realizada de 22 a 27 de novembro, em Paraty (RJ).